

7.00.00.00-0 CIÊNCIAS HUMANAS
7.03.00.00-3 ANTROPOLOGIA

Autogestionários & o cacete: política e invenção no centro acadêmico de sociais da PUC-SP

WANDER WILSON CHAVES JÚNIOR

Curso de Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Sociais.

DOROTHEA VOEGELI PASSETTI

Depto. Antropologia, Faculdade de Ciências Sociais.

Resumo: A experiência autogestionária do Centro Acadêmico de Ciências Sociais (CACS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, vivida entre 1983 a 1992, produziu uma ética e uma estética que atravessou sua forma organizacional, suas relações com os saberes, com a Universidade e as diversas autoridades. Foram happenings, performances, intervenções, poesias, escritos e outras tantas ações. Este artigo apresenta as problematizações resultantes da pesquisa de Iniciação Científica intitulada *CACS: autogestionário, independente & o cacete*.

Palavras-Chave: movimento estudantil, autogestão, heterotopia.

Introdução

De março de 2010 a fevereiro de 2011, realizei a pesquisa de Iniciação Científica *CACS: autogestionário, independente e o cacete*, sob a orientação de Dorothea Voegeli Passetti. Esta pesquisa teve por objetivo situar e problematizar uma forma diferenciada de política que apareceu no movimento estudantil da PUC-SP, tanto nos questionamentos levantados sobre a própria prática política, como no desenvolvimento de suas relações mais miúdas e cotidianas que deram forma à experiência autogestionária do Centro Acadêmico de Ciências Sociais (CACS) durante os anos 1980 e início de 1990. Foi realizada uma análise antropológica para observar o desenvolvimento e a constituição de novas práticas estudantis que deram forma a uma cultura

política singular. Este trabalho se desenvolveu em conjunto com o Museu da Cultura da PUC-SP, reunindo materiais esparsos para integrar a coleção da história da Faculdade de Ciências Sociais. Foram coletados diversos boletins, fotos, vídeos e arquivos de áudio que foram doados ao Museu e que posteriormente fizeram parte da exposição “cacs: autogestionário, independente e o cacete”¹.

A prática autogestionária do Centro Acadêmico perdurou por nove anos. De 1983 a 1992 muita gente atravessou o CACS e flertou com esta experiência. Não somente pessoas dos cursos que o centro acadêmico abarca (Ciências Sociais, História e Geografia), mas também gente que se interessava por esse modo de fazer, pela experiência, pelas festas, pelos desentendimentos, por outros fatores. Pessoas de fora da universidade ou de outros cursos, estudantes formados ou não.

São estes encontros que passam pelo que se chamou, durante este tempo, de autogestão, forma ligada à história do anarquismo e existências libertárias.

(...) é possível encontrar experiências autogestionárias desde as associações operárias da França de 1848 à Revolução espanhola de 1936, e até mesmo nas experiências levadas adiante por estudantes, em 1968. (NU-SOL, 2010, HYPOMNEMATA n.119)

Não se trata da utopia de uma sociedade futura, sociedade igualitária fora do tempo, mas que um dia eclodirá. O que está em jogo é a existência, um jeito de lidar que foi experimentado e desdobrado em diversas formas singulares, acarretando em descentralização, federalismo², invenções de costumes anti-hierárquicos e anti-autoritários. Cada momento faz com que sua força irrompa de certa maneira, não tratando de acomodar a multiplicidade em torno de pedra monolítica. É preciso observar cada singularidade histórica.

¹ O material exposto pode ser conferido em <http://www.pucsp.br/museudacultura/agenda/cacs.html>

² “FEDERAÇÃO, do latim foedus, genitivo foederis, *quer dizer* pacto, contrato, tratado, convenção, aliança etc., é uma convenção pela qual um ou mais chefes de família, uma ou mais comunas, um ou mais grupos de comunas ou Estados, obrigam-se recíproca e igualmente uns em relação aos outros para um ou mais objetos particulares, cuja carga incumbe especial e exclusivamente aos delegados da federação.” (PROUDHON, 2001, p. 90)

É preciso perceber então, na força do *acontecimento*, aquilo que no CACS emergiu de agudo, sua forma própria.

Política e invenção

A experiência autogestionária do Centro Acadêmico de Ciências Sociais operou uma ética e uma estética que atravessaram a sua organização, suas relações com os saberes, a universidade e as diversas autoridades. Foram *happenings*, performances, intervenções, poesias, escritos e outras tantas ações. Estes elementos integraram suas relações constituindo parte interior de uma cultura própria que se abriu para além dos limites do CACS.

Após a vitória da chapa “Maria” nas eleições do CACS, em 1982, todos os cargos do centro acadêmico são dissolvidos. Assim, não há um *a priori* dado, os assuntos e as ações do centro acadêmico perpassam a existência de assembleias formadas mediante um tema específico, aglutinando quem simplesmente se interesse.

Tanto nestas reuniões, quanto na vida desta experimentação autogestionária e seus trasbordamentos, outros elementos são a briga, a franqueza e a coragem. Não se esboçava uma relação política partidária, uma negociação de pontos para uma estratégia programática. Tratava-se de uma fala franca, seja nas assembleias do Centro Acadêmico ou em todo o entorno universitário.

Ao contrário de uma forma recorrente de movimento estudantil se vincular a um espaço estudantil, trabalhando para vomitar as tensões para fora de si, num impulso *antropêmico* (LEVI-STRAUSS, 2007, p. 366), esta experiência desembocou em engoli-las, trazê-las para dentro para que algo acontecesse. Valorizava-se as diferenças, por maiores que fossem as tensões que este campo abarcasse.

Deste modo também era a presença destes estudantes nos conselhos da Universidade. São diversos os boletins em que existe a convocação para

eleição de representação discente nestes conselhos. A presença era sempre garantida.

Existia a presença massiva dos estudantes libertários, dos estudantes anarquistas lá dentro. E não era para encher o saco, era para fazer acontecer alguma coisa que suprimisse hierarquias, compartilhasse projetos.³

Tratava-se, portanto, de atitudes corajosas, na existência de um conselho onde cada um era respeitado enquanto conselheiro, alguém que pensa em favor da universidade. Atuavam nestes espaços pelo combate à delação, pelo combate à vigilância, por um jeito de lidar com a universidade que envolvesse costumes anti-hierárquicos.

É a partir deste modo de existência não pacificado que produziram e afirmaram esta nova forma particular de se fazer política, uma forma corajosa que desembocou em práticas que vertiam humor e dissolviam hierarquias, representações e a distinção entre fazer e pensar. Em 1983 realizaram a invasão dos elefantes na PUC-SP. Fazia exatamente seis anos que Erasmo Dias havia invadido a universidade com suas tropas da ditadura, e após este período sempre houve uma espécie de “comemoração” no interior da universidade, o que Eduardo Valladares, estudante da época, aponta como de caráter muito “choramingoso”⁴. Neste ano, organizaram uma nova forma para tratar do tema. Contrataram um circo completo, o que incluía a presença de três elefantes

A intervenção ocorreu em frente ao Teatro da Universidade Católica de São Paulo (TUCA), colado ao Campus Monte Alegre da universidade. É desta forma que realizaram sua “comemoração”. Deslocaram a perspectiva que observa o acontecimento, debochando e operando a analogia entre o peso da ditadura e o peso dos elefantes. Se o fato histórico já estava dado, tratava de olhá-lo com lentes de riso, não aquele que expressa alegria ou euforia, mas que ironiza.

³ Edson Passetti, entrevista em 08/03/2011

⁴ “Depoimento Edu”, coleção 25 anos da Faculdade de Ciências Sociais, acervo Museu da Cultura. 1996

Na mesma esteira, também construíram uma praia entre os prédios novo e velho, lugar que lhes parecia servir apenas para desfile. Contrataram três caminhões de areia e forraram o chão com ela; trouxeram seus guarda-sóis, piscinas de plástico, e vestiram calções, sungas e biquínis. Tomaram sol, jogaram bola e “nadaram”. Se o corredor parecia uma praia, porque não escancarar a realidade velada e se utilizar dela? Ruído no espaço com a intenção de “*dessacralizar o tema*”, expressão utilizada pelo estudante da época Renato Ganhito. Para o professor Edson Passetti

Era provocador ver um intervalo de manhã, as meninas de biquíni, era tudo muito engraçado, todo mundo falando de política. Via-se inclusive como se inibiam os setores mais conservadores com esta ausência de programa. Os setores conservadores só batem de frente quando você está falando a mesma língua, programa contra programa, o que se torna polêmica.⁵

Esta forma irreverente de se fazer política propiciava uma resposta a questões particulares de um momento e uma dificuldade de classificação e codificação por parte de um movimento estudantil de tradição partidária e de setores mais conservadores.

Esta política da ordem da derrisão é a tônica das atividades deste Centro Acadêmico. Outra ação que explicita esta característica ocorre no ano de 1987. Havia passado dez anos desde a invasão da PUC-SP, em 1977. Alguns estudantes ligados ao CACS conseguem marcar uma entrevista com o coronel Erasmo Dias, então deputado estadual pelo estado de São Paulo, como se fossem jornalistas. Invadem o seu Gabinete⁶ e lhe entregam balas e bombas de chocolate junto a uma coroa de flores e uma penca de bananas (policiais na época eram chamados de gorilas). Junto a todos estes objetos também levaram um bilhete: “Erasmo Dias, que deus o leve, que Golbery o abraçe e que Jânio seja o próximo – ‘feliz morte’”.

Deram bananas ao gorila, retribuíram as bombas arremessadas à PUC-SP em 1977 com bombas de chocolate, as balas dos revolveres com outras

⁵ Edson Passetti, entrevista em 08/03/2011

⁶ Cf. Anexo 3

balas e por fim, sepultaram-no com coroas de flores e uma epígrafe. Erasmo Dias responde aos jovens que ali estavam entregando uma bala de revólver ao estudante Eduardo Valladares que respondeu: “Muito obrigado, não usamos armas, usamos a cabeça”⁷. O Deputado ainda brada que se vivia uma democracia plena.

Questionavam as autoridades inventando formas de fazer, tudo com muito humor. Em uma ocasião lançaram a campanha “Dê um beijo na direita” falando de estudantes ligados ao CCC (Comando de Caça aos Comunistas), organização anticomunista que agia em favor do regime militar. Perseguiam os seus membros pelas faculdades e utilizavam a técnica beijoqueira que deixava os fascistas pasmos. Em outro momento, travaram um conflito de violência física com os membros desta instituição. A chapa “Chama”, com membros oriundos desta organização, havia perdido as eleições para o centro acadêmico Leão XIII, do curso de economia, e se recusaram a sair da gestão. Estudantes do CACS invadiram o espaço e travaram uma “guerra” com estas pessoas. Episódio de batalha e pancadaria.

A política neste Centro Acadêmico ocorre como um desdobramento das experiências estudantis do maio de 1968, em que se trabalhava a política em intersecção com a arte. Assim, inventaram práticas que violentassem as linguagens existentes e quaisquer respingos de autoritarismos, seja em relação à Universidade, ao Estado ou aos Partidos Políticos. Estas novas práticas permitiram que irrompessem *outros espaços* na vida universitária.

Deslocamentos

Estes estudantes operaram uma quebra de sintaxe quanto à rigidez formal do movimento estudantil que ocorria tradicionalmente. Tratando-se deste tipo de movimento, Guilhon Albuquerque aponta que eram movidos pelo monopólio institucional da representação, legalizado ou não, e pela ação da lógica partidária, em que toda esta cultura de cargos torna necessárias suas disputas para a expressão de ideias no interior destes espaços. Fechavam-se

⁷ Jornal Porã'duba nº130. 1987

diante de certas palavras, discursos e verdades. Segundo o depoimento gravado em vídeo⁸ de Ivan Fernandes Neves, presente na fundação do CACS e estudante da PUC-SP de 1972 a 1978, a dimensão individual era muito sacrificada no fazer político tradicional, em suas palavras: "Era um pecado falar de individualidade". Toda a hierarquização resultante de um modelo de se fazer política ligada à instrumentalização partidária acarretava também na manutenção de uma forma de palavra.

Pierre Clastres aponta que poder e palavra estão intimamente ligados, e neste âmbito, "toda tomada de poder é também uma aquisição de palavra" (CLASTRES, 2003, p.169). As relações de poder se apresentam perpassadas pela palavra, enquanto fala e discurso, mas também podem estar perpassadas pela linguagem, visto que as relações de autoridade estão sempre ligadas a condutas, portanto também no campo das formas de existência. Edson Passetti sugere que "os sentinelas são aqueles que arvoram em homens de poder, que tem direito da palavra, que sabem e seguem doutrinas. Dominam a sintaxe." (PASSETTI, 2002, p.169). Sentinelas são aqueles responsáveis pela manutenção da verdade derradeira.

A expressão partidária em meio ao movimento estudantil, os anseios revolucionários e a organização hierarquizada através de quadros e direções refletem estes aspectos. No centro acadêmico gerido pelos "partidos revolucionários" a linha já está dada, pois a palavra já está proferida e a verdade é una. Este enquadramento suprime certas diferenças e tenta expulsar os riscos mediante a quebra desta palavra. Único modo de fazer, único modo de se chegar à utopia visada. Tenta-se expulsar todo possível abalo no que já está dado, forma rígida, viés *antropêmico*.

(...) ficaríamos tentados a contrapor dois tipos de sociedades: as que praticam a antropofagia, isto é, que enxergam na absorção de certos indivíduos detentores de forças tremendas o único meio de neutralizá-las, e até de se beneficiarem delas; e as que, como a nossa, adotam o que se poderia chamar de antropemia (do grego emein, "vomitar"). Colocadas diante do mesmo problema, elas escolheram a solução inversa, que consiste em expulsar estes

⁸ "Depoimento Edu", coleção 25 anos da Faculdade de Ciências Sociais, acervo Museu da Cultura. 1996

tremendos para fora do corpo social (...) (LEVI-STRAUSS, 2007, p. 366)

Talvez seja inexato falar de *antropemia* neste caso, mas, no mínimo, é possível a justaposição entre esta forma e o conceito, pois, mediante a rigidez formal, as diferenças devem ser vomitadas, expulsas, deslegitimadas, colocadas como inimigo. No caso, a autogestão era compreendida pelos militantes partidários enquanto *sem conteúdo, coisa de maluco, coisa de “porra-loca”*, conforme Renato Ganhito e Wilton Assis.

Desde o período eleitoral do CACS, em 1982, até o seu término em 1992, abre-se um campo que amplia liberdades, incorporando novos fragmentos estéticos no interior do movimento. Inventa-se um espaço *heterotópico*, desloca-se a perspectiva de uma *revolução proletária universal* para uma prática cotidiana que elabora novos costumes e justapõe espaços e posicionamentos que são em si incompatíveis. Uma espécie de utopia efetivamente realizada, um lugar fora de todos os outros lugares que rompe com o tempo tradicional (heterocronia).

As utopias consolam: é que, se elas não têm lugar real, desabrocham, contudo num espaço maravilhoso e liso; abrem cidades com vastas avenidas, jardins bem plantados, regiões fáceis, ainda que o acesso a elas seja quimérico. As heterotopias inquietam, sem dúvida porque solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque fracionam os nomes comuns ou os emaranham, porque arruinam de antemão a “sintaxe”, e não somente aquela que constrói as frases – aquela, menos manifesta, que autoriza “manter juntos” (ao lado e em frente uma das outras) as palavras e as coisas. (FOUCAULT, 2007, p.XIII)

Em “Outros espaços”, um texto de publicação mais recente, Foucault (2009) mostra as heterotopias como uma espécie de utopia efetivamente realizada, um lugar fora de todos os outros lugares, apresentando a capacidade de justapor no seu interior espaços e posicionamentos que são em si mesmo incompatíveis. Rompe-se com um tempo tradicional.

Este tipo particular de espaço é um contra-lugar que sempre se apresenta de maneira diversificada pelos emaranhados históricos, mantendo sempre uma relação para com o lugar em que se fala, os demais aspectos da cultura em que emerge. São os bordéis, os cemitérios, as bibliotecas, os jardins persas, etc.. Espacialidades que ora acolhem pessoas, ora as excluem, interagem com a temporalidade de modo a acumulá-la ou torná-la efêmera, criando espaços ilusórios ou de compensação. Não há universalidade neste conceito mas, sim, suas diversas configurações.

Este texto também aponta a excelência de sua forma: “O navio é a utopia por excelência. Nas civilizações sem barcos os sonhos se esgotam, a espionagem ali substitui a aventura e a polícia, os corsários.” (FOUCAULT, 2009, p.422). Esta imagem bem acabada da heterotopia sugere uma espécie de “reservatório de imaginação”, sendo as navegações um espaço flutuante fora da terra ancorada, uma espécie de “estado experimental” lançado ao infinito do mar” (HARA, 2008, p.276). Estes espaços formam um arcabouço potencial.

Quanto ao CACS, este tratou de experimentar e desdobrar o sonho, na elaboração de novos valores e costumes. Trata-se deste humor já tão mencionado, da forma diferenciada de se fazer política e realizar outras relações. A justaposição característica da heterotopia pode ser observada, de modo mais claro, nos conflitos que eram trazidos para dentro do Centro Acadêmico. As brigas, mencionadas inúmeras vezes nas entrevistas recolhidas, expressavam a presença do diverso que transfigurava o incompatível em um novo modo de se estabelecer relações a partir das tensões dadas. Voltando o olhar para as diferentes gerações que freqüentaram o Centro Acadêmico e nas diversas formas que estabeleceram com a realidade da PUC-SP ou do mundo, existiram certos fragmentos citados aqui que se prolongaram.

Assim, a experiência autogestionária apresenta-se como uma heterotopia de invenção. Espaço de fronteira disforme em que se produz um trabalho ético de *subjetivação*, experimentação ética e estética onde se elaboram novos costumes.

A heterotopia de invenção é um espaço anarquista de fronteira disforme, em que pessoas e associações elaboram subjetividades libertárias; em que se arruína a grande e a pequena moral, em favor de coexistências de éticas elaboradas por amigos que se voltam para a vida pública. Amigos que retomam a prática grega de atuar no espaço público, rebelando-se contra a condição de amizade colocada pelo cristianismo no âmbito das relações privadas entre pessoas que se identificam e ajudam. (PASSETTI; AUGUSTO, 2008, p.82)

Tratou-se da invenção de um espaço que elaborava os próprios sujeitos, dando margem a certa subjetividade-anárquica.

Eu acho que se não tivesse entrado no Centro Acadêmico, participado da autogestão, não teria essa formação, essa postura. Foi fundamental. O Centro Acadêmico fez isso com muito mais gente do que comigo. Uma movimentada em muita gente. Uns ficaram na sala de aula como professores, pesquisadores. Mas muita gente tem uma identificação [com os anarquismos].⁹

Emilio José Alves Neto foi funcionário do CACS por um período aproximado de dois anos. Nunca cursou a universidade, e acabou sendo contratado como secretário a partir de um encontro casual: Sua avó conhecia a mãe de uma das pessoas que frequentava o CACS, através de sua mãe ficou sabendo da necessidade de contratação de um funcionário. Foi até o Centro Acadêmico e acabou contratado por falta de interesse dos estudantes da faculdade em exercerem esta função. Comenta em entrevista como a experiência funcionou para ele como uma formação:

Esta experiência me ensinou muita coisa. Me considerei um universitário sem nunca ter cursado a universidade. Durante estes, sei lá, dois anos que trabalhei lá aprendi muita coisa. Sobre autogestão, anarquismo, contato com professores, pensamento político. Praticamente aprendi o que havia sido a ditadura militar ali. Além de tudo foi um grande aprendizado.¹⁰

⁹ Márcia Lazzari, entrevista em 16/06/2010.

¹⁰ Emílio, entrevista em 27/01/2011

A elaboração de um Centro Acadêmico, na forma que ganhou o CACS, funcionou como educação e formação das próprias pessoas que viveram esta experiência, acarretando na elaboração de uma subjetividade através da invenção de um espaço heterotópico. Incendiou-se a universidade propondo uma nova forma de vincular política e vida. Marcou cada pessoa que passou por ali, transformando a vida na elaboração de um *ethos* diferenciado, que ecoou em cada um de maneira singular. Desdobrou-se em outras formas de fazer que produziram certa subjetividade-anárquica, secretando novos campos de referência para a universidade.

Esta experiência repercutiu na formação de núcleos de pesquisa, de encontros anarquistas e na construção de uma revista libertária. Também deixou marcas nas palavras que se usam no dia a dia da universidade ao se referir aos diversos espaços. Outro resultado desta experiência foi a reformulação do curso de ciências sociais em conjunto com alguns professores, proporcionando a entrada do estudo de problematizações políticas ligadas ao pensamento de Michel Foucault e dos anarquismos na grade curricular.

A experimentação autogestionária do Centro Acadêmico de Ciências Sociais colocou em tensão aquilo que era referente ao seu tempo, uma ação específica e pertinente sobre os *acontecimentos* que viviam, a universidade, a sociedade brasileira e o que mais coubesse na incandescência do instante. Uma afirmação de um outro tipo de liberdade. Como canta Caetano Veloso: “Se o mundo é um lixo, eu não sou”.

Bibliografia

ALBUQUERQUE, J.A. Guilhon. 1977. *Movimento Estudantil e Consciência social na América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

CLASTRES, Pierre. 2003. *A sociedade contra o estado*. Tradução de Theo Santiago. São Paulo: Cosacnaify

FOUCAULT, Michel. 2004. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução de Salma Muchail. São: Martins Fontes

_____. 2007. *As palavras e as coisas*. 4ª ed., Tradução de Salma Muchail. São Paulo: Martins Fontes.

_____. 2007a. *Microfísica do Poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal.

_____. 2009. *Estética: Literatura e pintura, música e cinema*. Manoel Barros da Motta (org.). Tradução Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense.

HARA, Tony. 2008. "Os descaminhos da nau foucaultiana: O pensamento e a experimentação" in: *Figuras de Foucault*. Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto (orgs). Belo Horizonte: Autêntica.

LEVI-STRAUSS, Claude. 2007. *Tristes Trópicos*. Tradução de Rosa Freire D'águiar. São Paulo: Companhia das letras.

PASSETTI, Dorothea Voegeli. 2011. "Natureza e Cultura: além do antropológico" in: *Nietzsche/Deleuze: Natureza/Cultura*, Daniel Lins, Nilson Oliveira, Roberto Barros (org). São Paulo: Lumme Editor

_____. 2008. *Lévi-Strauss, Antropologia e Arte: minúsculo – incomensurável*. São Paulo: EDUC / EDUSP.

PASSETTI, Edson. 2002. "Heterotopias Anarquistas". In *Revista Verve* n.2. São Paulo: Nu-Sol.

PASSETTI, Edson; AUGUSTO, Acácio. 2008. *Anarquismos & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica.

PROUDHON, Joseph Pierre. 2001 *Do Princípio Federativo*. Tradução Francisco Trindade. São Paulo: Nu-Sol e Imaginário.